

GANS, HERBERT J. (2003).

Democracy and the News. New York,  
New York: Oxford University Press.

**NELSON TRAUQUINA**

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

O sociólogo da Universidade de Columbia (E.U.A.) e autor de um dos livros de referência da sociologia do jornalismo, *Deciding What's News*, faz um diagnóstico dos problemas do jornalismo e propõe soluções para melhorar a saúde do jornalismo e fortalecer o seu papel numa sociedade democrática.

Apesar da confiança nos meios de comunicação social durante os anos 50 e 60, o autor constata uma desconfiança crescente em relação aos media a partir da década de 70, não apenas nos Estados Unidos como também na Europa. Centrando-se sobretudo na realidade norte-americana, Gans apresenta alguns dos problemas do jornalismo nos primeiros capítulos do livro: 1) a diminuição do número de jornais; 2) a emergência de conglomerados onde as notícias são uma parte menor do seu negócio; 3) a procura de uma elevada taxa de lucro; 4) o “downsizing” de jornalistas, o que tem como consequência mais desemprego e situações de emprego menos sólidas; 5) a expansão das “soft news” ou do “infotainment”; 6) um decréscimo das notícias internacionais e o encerramento de delegações no estrangeiro; e 7) o colapso da antiga separação entre a direcção editorial e a administração económica.

Segundo um estudo do Pew Center, em 1965, 71% dos inquiridos liam o jornal da véspera – no entanto, em 1995, este número caiu para 52% e para 45% em 2000. Igualmente, as audiências dos jornais televisivos dos três canais principais nos Estados Unidos têm caído de uma forma contínua desde os anos 60.

Os erros – como, por exemplo, aqueles que dizem respeito à ortografia – são importantes, mas Gans sublinha que o maior problema do jornalismo é, por um lado, a dificuldade em entender o público e, por outro, o sentimento que o jornalismo defende os poderosos. Gans sublinha, por outro lado, a invasão da vida privada do público, em particular, depois de tragédias familiares. Outros obstáculos com que o jornalismo se confronta relacionam-se com a enorme concorrência entre as empresas jornalísticas, onde a palavra de ordem consiste em disseminar a informação de forma célere. Segundo Gans, as notícias são, acima de tudo, sobre as pessoas com poder e autoridade, e os jornalistas respeitam as fontes oficiais, ajudando assim a legitimá-las. Escreve Gans: “Journalists follow the power” (p. 47).

Os cidadãos – nomeadamente, o modo como participam na democracia, os motivos que

os levam a participar (para além do voto) e a forma como influenciam as acções dos políticos – são raramente notícia. Os protestos dos cidadãos são notícia, mas centram-se mais na possibilidade de violência, dando pouco espaço às razões do protesto. E matérias noticiáveis correspondem, na maior parte dos casos, aos assuntos suscitados pelas fontes oficiais, transformando os jornalistas em mensageiros dos líderes governamentais. Da mesma maneira, Gans sublinha que as fontes oficiais têm a possibilidade de agendar um maior número de acontecimentos, enquadrando-se nas rotinas temporais dos jornalistas, defendendo que a relação fonte-jornalista é uma relação simbiótica: a fonte precisa do jornalista, mas este também precisa dela, não podendo aliená-la.

Nos últimos capítulos do livro, Gans faz diversas sugestões de forma a ampliar o papel dos cidadãos na democracia, admitindo que algumas destas propostas sejam mais exequíveis que outras.

A primeira sugestão é a de que os jornalistas devem fornecer mais “user-friendly news”, isto é, notícias que ajudem a trazer os leitores de novo às notícias e, também, notícias que consigam atrair novos leitores, sobretudo as camadas mais jovens. Para isso, é necessário descobrir o que as audiências querem saber: assim sendo, na opinião do autor, as sondagens devem ser substituídas por entrevistas aprofundadas e debates com os leitores acerca do papel das notícias nas suas vidas.

A segunda sugestão consiste em repensar o lugar das notícias nacionais e internacionais, uma vez que diversos estudos demonstraram que as pessoas estão mais interessadas em notícias locais do que em notícias nacionais ou internacionais, dada a maior relevância para as suas vidas.

Gans é da opinião de que a participação dos cidadãos é essencial para a democracia. Assim, para contrariar a cobertura jornalística “top-down”, Gans propõe mais “participatory news”, ou seja, notícias “designed to provide direct or indirect aid to citizens who wish to participate or know how others are participating” (p. 95) Esta sugestão de Gans mostra o apoio do autor ao movimento de jornalismo cívico, que emergiu nos Estados Unidos depois da campanha presidencial de 1988 – aqui, o objectivo fundamental consistia em conhecer melhor as preocupações dos cidadãos, em vez de seguir, de forma obcecada, os actores políticos.

A quarta sugestão é a de mais “explanatory journalism”, em que se pretende, por um lado, ajudar as pessoas a compreender o que está a acontecer e, por outro, fornecer informações explicativas sobre as mudanças estruturais que devem ser empreendidas.

Mais opinião é a quinta sugestão do autor, incluindo mais “news opinions”, isto é, opiniões dos jornalistas baseadas no seu trabalho de reportagem. Escreve Gans: “A democratic polity needs the largest variety of opinions – and of proposed solutions – to significant issues. That some opinions may be represented by very small constituencies is far less relevant in the media than in politics. Good ideas often come from the margins” (p. 102).

Gans propõe também um aumento das “multiperspective news”, isto é, a apresentação de diversas perspectivas sobre um assunto (e não apenas os dois lados em conflito numa questão), posicionando-se, assim, de forma diferente em relação às perspectivas “top-down” habitualmente presentes nas notícias.

Outras sugestões de Gans incluem novos formatos, mais humor, mais jornalistas especializados, mais financiamento e, eventualmente, o estabelecimento de meios de comunicação alternativos. Reconhece o potencial da Internet mas suspeita que os media “mainstream” serão os seus actores dominantes. Escreve Gans: “... (T)he future depends largely on the news audience and whether a sufficient number will ever want more political and economic news. This can most likely happen only if enough people need the government and other public and private institutions and firms on which journalists report” (p. 111).